

Na Sala de Aula

SEXTA-FEIRA | 9 | MAIO | 2008



GUILLO KUERTEN

A CAMINHO DA ESCOLA

Alunos de olho no "tio" do transporte

Os motoristas de van que fazem o transporte escolar precisam ter cuidado, pois o que eles fazem o pequeno passageiro aprende. **Página 12**

FATO COMPLICADOR

Lei proíbe, mas o celular permanece

Apesar da lei estadual proibir o telefone, os alunos insistem em tê-los no colégio, o que incomoda os professores em sala de aula. **Páginas 6 e 7**

O QUE É O NEPRE

Núcleo atua com assuntos do cotidiano

Núcleo de Educação Preventiva foi criado para tratar de sexo, drogas e outros assuntos vistos como tabu. **Página 2**

JARAGUÁ DO SUL

Trabalho de aula resgata brincadeiras

Professor desenvolve com os estudantes atividade que trazem de volta as antigas brincadeiras. **Páginas 4 e 5**

IPORÁ DO OESTE

Os heróis que estão bem perto da gente

Páginas 8 e 9

Estudantes do Colégio Irineu Bornhausen, em Florianópolis, participam de atividades cujo desafio é quebrar a rotina durante os 210 dias do período escolar

Planos para um ano diferente

Página 3

Apresentação

No princípio, era a goma de mascar; depois, foi criado o telefone celular, e este passou a ser a permanente dor de cabeça dos professores. Como em Gênesis, eles vêm tentando separar os aparelhinhos dos alunos, mas a tarefa é árdua. Docentes têm sido infernizados com o toque dos celulares e com seus pupilos enviando e lendo mensagens.

Neste ano, começou a valer em Santa Catarina a lei que proíbe a utilização de telefones móveis nos colégios, mas boa parte dos estudantes ignora a legislação, mesmo quando o seu aparelho é recolhido pela direção. Sempre há uma desculpa para mantê-lo ligado – pode haver uma emergência, como se o telefone da escola não pudesse ser acionado caso aconteça o tal caso urgente.

A insistência da utilização dos telefones pelos alunos é um dos temas desta edição do DC na Sala de Aula, suplemento que é uma parceria entre o **Diário Catarinense** e a Secretaria de Estado da Educação. Este assunto foi abordado em 2007, alertando que a proibição começaria neste ano. Agora, constata-se que o uso permanece. A diferença é que os professores dispõem de um instrumento legal para recolher o aparelho.

Outro tema discutido no caderno é o transporte escolar. Pais de alunos pesquisam muito antes de entregar os filhos para alguém que os conduza à escola. E os motoristas de ônibus e vans escolares devem estar em sintonia fina com a legislação de trânsito. Especialistas alertam que o comportamento do motorista da van no trânsito é absorvido pelo pequeno aluno transportado. E, como de costume, também traz os trabalhos que os estudantes desenvolvem em sala de aula. Boa leitura.

Próximas edições do DC na Sala de Aula

- ◆ 18 de junho
- ◆ 28 de agosto
- ◆ 29 de outubro
- ◆ 3 de dezembro

Solicitamos que você envie o seu e-mail para que seja estabelecido um canal direto de comunicação.

Grupo **RBS** **DIÁRIO CATARINENSE**

Na Sala de Aula

Diretor Geral: Diego Quevedo
Editor-Chefe: Claudio Thomas
Gerente Comercial: Marcelo Martha
Gerente Operacional: Cláudio Sá
Gerente de Circulação: Adriano Araldi
Coordenadora do projeto: Vanessa Sanceverino Esteves
Textos do DC: Júlia Lorenço
Diagramação: Rafael Rosa, Fabiano Peres e Keli Cumerlato
Fotos: Hermínio Nunes, Glaicon Covre, Daniel Conzi, Guto Kuerten e Diego Redel
Edição: Fabian Lemos e Tarcísio Poglia

Comunique-se com o DC Na Sala de Aula:

Rua: Desembargador Pedro Silva, 2958 – Itaguaçu – Florianópolis- SC
☎ (48) 3216-3444
Fax: (48) 3216-3355
E-mail: nasaladeaula@diario.com.br



A professora de biologia Eloise Goulart, do Colégio Professora Maria José Barbosa, em São José, surpreendeu-se com um dos desenhos

Alerta constante

Falar sobre sexo, consumo de drogas e homossexualismo na adolescência ainda pode ser tabu para muitos pais e colégios. Para a Secretaria de Estado da Educação, os assuntos devem fazer parte do cotidiano escolar.

Pensando nisso, foi criado o Núcleo de Educação Preventiva (Nepre), implantado em todas as escolas públicas estaduais.

O Núcleo trabalha com as temáticas sexualidade, droga e violência, desenvolvendo projetos preventivos, em atividades de cultura, esporte e educação, como teatro, música, gincanas e palestras. Ele é voltado para alunos de 5ª a 8ª série.

– Sabemos que esses assuntos eram discutidos dentro dos colégios, mas de maneira pontual. Ou era apenas um professor, ou somente uma palestra. O núcleo foi criado para eles serem debatidos por

toda a comunidade escolar – destacou a coordenadora do Nepre da Gerência de Educação da Grande Florianópolis, Natália Cristina de Oliveira Meneghetti.

Ela esclarece que cada gerência ficou encarregada de implantar o Núcleo nos colégios que atende.

Na Grande Florianópolis, os trabalhos foram iniciados em outubro de 2005, em 109 escolas de 13 municípios.

– Entendemos que a escola tem um papel social e precisa contribuir para a educação preventiva. O Núcleo formaliza a necessidade do enfrentamento desses temas ser coletivo.

A coordenadora afirma que questões como gravidez na adolescência, consumo de cigarros e álcool fazem parte do cotidiano do jovem, mas que, com o Nepre, eles terão condições de trabalhar os assuntos de maneira pedagógica.

– Nossas ações buscam aquisição de

conhecimento, que colaborem para uma reflexão crítica da realidade e que promovam transformações nos adolescentes.

O Núcleo de Educação e Prevenção inicia a fase de consolidação. A coordenadora do Nepre na Grande Florianópolis, Natália Meneghetti, explica que desde 2005 eles vinham implementando o projeto nos colégios.

– Realizamos cursos de capacitação com os coordenadores dos núcleos, desenvolvendo as temáticas e fornecendo subsídios didáticos e metodológicos aos colégios.

Porém, Natália ressalta que eles estão encontrando dificuldades em consolidar o trabalho.

– Nosso desafio agora é como implementar, porque muitas escolas não se sentem à vontade de abordar essas questões. Alguns professores acham que não têm conhecimento suficiente para falar sobre os assuntos.



Natália

Criação polêmica

O desenho de um coito interrompido foi o que mais gerou polêmica no Colégio Professora Maria José Barbosa. A ilustração estava no mural montado pelos alunos e colocado na entrada do colégio.

A professora de biologia Eloise Goulart, que desenvolveu o conteúdo com os alunos do segundo ano do ensino médio, disse que a estranheza veio principalmente dos professores. Alguns consideraram o desenho apelativo.

O núcleo na escola é coordenado pela orientadora educacional Nara Dal Grande Ghizoni, juntamente com Eloise.

No ano passado, o tema escolhido pelos

próprios estudantes do segundo ano do ensino médio foi a sexualidade. Os trabalhos produzidos pelos alunos foram colocados no mural, na entrada do colégio. João Marcelo Rodrigues, 16 anos, pegou o tema homossexualidade. Ele afirma que nunca teve preconceito, mas fala que o projeto abre ainda mais a mente e traz informações novas.

– Ele (o projeto) veio exatamente na idade em que a gente mais precisava ter informação sobre sexualidade.

Nesse ano, os temas drogas e violência serão trabalhados por alunos do segundo e do terceiro ano do ensino médio.



João Marcelo diz não ter preconceito

Mande-nos sugestões para que, juntos, possamos aprimorar nosso trabalho. Descreva as experiências positivas ocorridas em sua escola e envie os trabalhos realizados através das Gerências de Educação de sua região. Sua contribuição é importante para nós.



FOTOS GUTO KUERTEN

A coleguinha de sala Fabíola de Cástro, 8 anos, lembra que ano passado eles foram ao Projeto Tamar e gostaram bastante de ver as tartarugas. Ela ainda conta que foi legal conhecer a casa de um amiguinho, outra atividade do ano passado.

Colégio de São José terá ano informatizado

A Escola Estadual Juscelino Kubitschek, em São José, conta com uma novidade para quebrar a rotina das aulas. O colégio inaugurou, no final de abril, o laboratório de informática, com 10 computadores. A diretora, Margarete Inácio da Silva, explica que ele servirá como um apoio para o professor e será mais uma possibilidade de ferramenta para as disciplinas.

O aluno da sétima série Rafael de Carvalho, 13 anos, gostou da novidade e fala que os computadores ajudarão nas pesquisas para os trabalhos. Rafael observa que o colégio estava precisando de um laboratório, que é importante para o aprendizado.

Estudante da mesma turma, Beatriz Roetger Loch, 13 anos, acredita que, além de auxiliar nos trabalhos, os computadores são uma maneira de entretenimento na escola. Ela ainda lembra que outras opções oferecidas pelo colégio para variar o calendário, como ida a museus, também estimulam o aprendizado.

– Tudo oferecido pelo colégio está bom. Moro longe, mas gosto tanto que estudo aqui!

Entre as atividades para esse ano está programada a Mostra Cultural, onde alunos de pré a terceiro ano do ensino médio expõem projetos de música, arte, culinária e trabalhos científicos, produzidos por eles durante as aulas.

A escola também desenvolve o Projeto Afro, em novembro, com apresentações teatrais e em que professores trabalham com os alunos o problema do preconceito.

Margarete argumenta que variar o calendário é necessário, porque as atividades ajudam a mostrar para os alunos que a escola pública é boa e prazerosa.

Andreza Luiza Machado e Fabíola Adriano de Castro estudam na Escola Estadual Irineu Bornhausen, em Florianópolis, e participam das atividades

Um ano diferente

Quebrar a rotina das aulas durante os 210 dias letivos é um desafio das escolas estaduais. O ano para os alunos e professores da rede começou no dia 11 de fevereiro e só terminará dia 19 de dezembro. Até lá, passeios e eventos culturais ajudam na difícil tarefa de diversificar o calendário.

Os alunos da Escola Estadual Irineu Bornhausen, em Florianópolis, já têm algumas atividades programadas para esse ano. Em setembro, eles

participam da Feira Cultural, com o tema 100 Anos de História. Eles vão pesquisar sobre os 100 anos do transporte, dos meios de comunicação, ou ainda, da música para, depois, expor os trabalhos na feira.

Descobrir mais sobre a herança dos negros no Brasil faz parte do Projeto Afro, que aproveita o dia da consciência negra, em 20 de novembro, para realizar uma série de atividades. Os alunos conhecerão quais comidas vieram com os escravos da África e farão apresentações de teatro e capoeira.

Para esse ano, os alunos também

têm programado o café colonial e o bingo.

A diretora do colégio, Marise Souza Conceição, disse que uma das características dos projetos é abranger todos os níveis de conhecimento e trabalhar vários elementos ao mesmo tempo.

A supervisora da escola, Jaqueline Galliza, acredita que eles são uma maneira de melhorar a auto-estima dos alunos, que têm a possibilidade de expor seus trabalhos e, assim, serem valorizados pelos colegas.

Além disso, ela ressalta que, com as atividades, as aulas ficam menos

monótonas e os estudantes, mais participativos.

– Não podemos ficar apenas na teoria, no quadro e no giz. Os alunos precisam diversificar a maneira de aprender.

A aluna da segunda série do ensino fundamental Maria Eduarda Costa Domingues, 8 anos, afirma gostar de todos os eventos dos quais participa e de conhecer os lugares que visita com o colégio.

– A escola é legal, porque ela ensina os outros. A gente entra e não sabe nada e sai sabendo tudo – justifica a aluna.



Alunos como Maria Eduarda adoram os projetos e acreditam que saem sabendo da escola



A Escola Estadual Juscelino Kubitschek, de São José, aposta na informática em sala de aula

Para manter viva a cultura

Com tanto videogame e outros atrativos que mantêm a criança dentro de casa, o projeto desenvolvido na Escola de Educação Básica Clairinice Vieira Caldeira, de Jaraguá do Sul, é uma espécie de volta às raízes.

As professoras Soraia Machado de Souza e Mariângela Mattar Amorim realizaram o programa Jogos e Brincadeiras Infantis, que os estudantes da 2ª série do ensino fundamental expressaram, através de desenhos, atividades que passaram por gerações e que, ultimamente, têm sido deixadas de lado.

O projeto teve o objetivo de proporcionar o diálogo entre as crianças e familiares, além de com-

prender e saber identificar jogos e brincadeiras como fator histórico-cultural. Conforme as educadoras, a atividade agregou conhecimentos. Houve, ainda, um resgate de valores, tanto da cultura escolar quanto da cultura dos pais. De acordo com as professoras Soraia e Mariângela, é importante a criança conhecer a cultura de sua região e vivenciá-la.

A atividade começou com aulas expositivas e dialogadas sobre brincadeiras e jogos infantis, sendo que nesta etapa foi valorizado o conhecimento prévio das crianças. Cada aluno construiu o seu próprio brinquedo.

As educadoras concluíram que, através do projeto, os estudantes passaram a conhecer diversas brincadeiras, aprenderam a confeccionar brinquedos e trocaram experiências.

Felipe da Veiga Barcelos, 10 anos, 4ª série



Leilane Marquioli Wiest, 7 anos, 2ª série



Lasmin G. P. da Silva, 8 anos, 2ª série



Rafael Koche Gaboardi, 10 anos, 4ª série



Renan Angelo da Silva, 8 anos, 2ª série



Ligia Fagundes, 9 anos, 2ª série



Andreza Cristini Pereira, 9 anos, 2ª série



Maraiza Alves Veiga, 8 anos, 2ª série



Garantia dos direitos

MARLUCI GUTHIÁ FERREIRA *

Uma proposta pedagógica de educação infantil em que as crianças produzam e ampliem os conhecimentos, e se tornem autônomas e cooperativas, implica considerar alguns pontos de partida, conforme destacamos nesse artigo.

Inicialmente, cabe uma reflexão sobre a criança à qual se destina a proposta. É preciso observar com o intuito de melhor conhecer quem são elas e escutar suas vozes. É necessário também partir do princípio que a criança se constitui na interação com os outros sujeitos.

É preciso pensar constantemente o espaço e o tempo usados pelas crianças nas instituições. Pois, é sabido que um trabalho de qualidade para as crianças pequenas exige ambientes seguros e desafiadores, nos quais as situações propostas possam elevar sua auto-estima, bem como valorizar e ampliar as suas leituras de mundo. Assim, torna-se um desafio para o professor perceber quais atividades significativas conquistam as crianças, suscitando nelas interesse, alegria e curiosidade, envolvendo as múltiplas linguagens e favorecendo o pensar, o sentir e o agir.

Outro aspecto a ser considerado é o brincar como caminho da aprendizagem na infância. A criança apreende a realidade pela brincadeira, apropriando-se do meio natural, social e atribuindo-lhe significados.

A qualidade das propostas pedagógicas depende, também, de um professor comprometido e competente, além disso, a proposta pedagógica precisa refletir a compreensão de educação infantil como processo de formação da criança nas suas múltiplas dimensões.

Esses pontos de partida convergem para uma questão básica na formulação das propostas pedagógicas: o respeito aos direitos das crianças. Assim, vale lembrar da publicação do Ministério da Educação, o qual aponta os "Critérios para um Atendimento em Creches que respeite os Direitos Fundamentais das Crianças" (1995).

Neste sentido, quanto à elaboração e implementação das propostas pedagógicas para a educação infantil, é preciso que nossas intenções e ações estejam direcionadas rumo à garantia dos direitos das crianças – de todas elas!

* Mestre em Educação e Infância (UFSC). Coordena a Educação Infantil na Gerência de Educação - Gered da Secretaria de Desenvolvimento Regional da Grande Florianópolis.

Angela Cristina Leite, 10 anos, 4ª série



Julia Teicofsiki, 8 anos, 2ª série



A lei burlada em sala de aula

Foi-se o tempo em que a goma de mascar era o alvo de proibição nos colégios. Agora é o celular que está na mira dos professores e do Estado. Desde janeiro desse ano, está valendo a lei estadual que proíbe o uso do telefone móvel nas salas de aula de escolas públicas e privadas de Santa Catarina.

No corredor que leva à entrada do colégio ao acesso à secretaria da Escola Estadual Silveira de Souza, em Florianópolis, três cartazes estão pregados nos murais com a lei impressa. No entanto, isso não tem surtido efeito entre os alunos.

A orientadora educacional do colégio, Terezinha Ghisi da Silva, admite que, mesmo com a proibição, os estudantes continuam usando o celular durante as aulas. Só nesse ano, cinco foram recolhidos.

– Se é a primeira vez que o aluno é pego com o celular, ficamos com o aparelho e depois o estudante mesmo pode retirar. Mas, se ele for flagrado de novo, só devolvemos na presença dos pais.

Apesar da lei não coibir os estudantes na escola, Terezinha fala que, agora, a direção está protegida para reter o celular, que tanto atrapalha na sala de aula.

– Ele é mais um motivo para dispersar o aluno, principalmente se a aula for de matemática – afirma a assistente técnico-pedagógica do Colégio, Rita de Cássia.

Além disso, ela ressalta que o aparelho virou motivo de auto-afirmação e disputa entre eles.

– Os estudantes querem ver quem tem o melhor celular – ressalta.

Rita e Terezinha revelam que são os alunos entre 12 e 17 anos que mais dão trabalho, independentemente se são meninos ou meninas.

A aluna da sétima série Evelyn Garcia, 13 anos, conta que leva o celular todos os dias para a aula por puro hábito e que utiliza o aparelho apenas para ver as horas.

Entretanto, confessa que uma vez foi flagrada mandando mensagem.

– O professor viu, mas só chamou atenção e pediu para eu guardar.

Já no Colégio Estadual Getúlio Vargas,

também na Capital, a história é diferente.

Quem for pego com o celular, mesmo que seja a primeira vez, tem o aparelho recolhido e apenas os pais podem retirá-lo.

Este ano, a coordenadora da escola, Maristela Campos, ainda não pegou nenhum aparelho.

Estudantes ficam mais receosos com a lei

Maristela diz que a lei já é regra no colégio há cerca de 10 anos, mas afirma que depois que ela entrou em vigor os alunos da escola ficaram mais temerosos de usar o aparelho. Ela acrescenta que, inclusive, professores também estão tomando mais cuidado.

– Eles interrompiam a aula para atender uma ligação.

O esquecimento de Miguel Martins, 13 anos, aluno da sétima série, fez com que o hino do time Figuerense tocasse alto para os colegas da turma.

A música vinha do celular, que Miguel deixou na jaqueta. Ele conta que a professora recolheu o telefone e que a mãe teve que buscar na diretoria.

Mas o estudante diz que isso foi ano passado e que agora o aparelho fica desligado. Ele garante que não usa o telefone na sala e entrega as colegas de turma.

– As gurias sempre usam o celular nas sala! Elas adoram mandar mensagem uma pra outra!

A aluna Taynara de Souza Carvalho, 12 anos, da mesma sala que Miguel, não concorda com o colega. Ela diz que leva o celular para escola, apenas para casos de urgência.

– Se der algum problema, alguma briga, eu posso ligar para minha mãe.

Porém, Maristela acredita que os alunos raramente têm problemas tão urgentes assim e caso tenham, há dois orelhões na escola, mais um telefone, que os alunos podem usar sempre que preciso. Sem contar que emergências não são tão comuns.

Ela ainda fala que nunca concordou com o uso do celular na sala de aula e por isso achou a idéia da proibição por lei interessante.

– O celular não faz parte do material didático – define Maristela.



Dirigentes da Escola Estadual Silveira de Souza, em Florianópolis, tentam aplicar a lei e coibir o uso de celulares, mas admitem que os alunos não estão obedecendo à lei que proíbe o uso dos aparelhos



Cartaz, alertando para a proibição, não é suficiente para evitar o uso

Celular substitui chicletes

Mesmo antes da invasão dos celulares, os alunos já incomodavam os professores.

Desbancada pelo celular, a goma de mascar poderia ser considerada a inimiga número 1. A professora Lúcia Costa, que dá aulas de inglês na Escola Governador Ivo Silveira, em Palhoça, diz que, até hoje, fica incomodada com o aluno mascando chicletes. Ela considera o ato uma falta de educação.

Diretor do Colégio Edith Gama Ramos há 18 anos, em Florianópolis, José Antônio Dainez Júnior também fala que a goma de mascar era o principal alvo de reclamações.

Já para o professor de matemática do Colégio Governador Ivo Silveira, Marcelo Nunes, o *walkman* era o que perturbava o ambiente. Ele relata que os alunos sempre davam um jeito de escutar música, escondendo os fones no capuz.

Ele pode ser ferramenta escolar

O jornalista e mestre em educação Sílvio Costa Pereira realizou um estudo sobre o uso de mídia na educação. Ele visitou 83 escolas estaduais, municipais e privadas de ensino fundamental e chegou à conclusão que nenhum dos colégios reflete sobre o celular positivamente.

– Ele só falam nele quando é para proibir – observa Pereira.

O jornalista diz que seria interessante pensar sobre o aparelho, saber por que as crianças utilizam o celular e o que pode ser útil nele.

Pereira concorda que o telefone tira a concentração dos alunos, mas acredita que ele pode ser usado como uma ferramenta para produzir mídia.

– É muito comum os alunos produzirem vídeos e um dos meios para isso seria usar suas próprias ferramentas, nesse caso o celular. As mídias estão cada vez mais presentes e podemos fazer dos alunos leitores mais críticos sobre elas.

E isso pode acontecer antes do que se imagina. Pereira diz que as mídias são incorporadas de maneira muito rápida, e não demorará muito para que a maioria dos celulares tenha câmera e outros recursos.



Pedagoga diz que alunos disputam entre si para ver quem tem o melhor celular

Entenda a Lei:

A lei, que proíbe o uso de celulares em salas de aula de escolas públicas e privadas de Santa Catarina, está valendo desde o dia 25 de janeiro. O autor da medida é o deputado Antônio Aguiar.

Depois que ela entrou em vigor, a Secretaria de Estado da Educação orientou cada unidade escolar a:

- Recolher o celular do aluno que descumprir a lei;
- Chamar os pais ou responsáveis para esclarecimentos e devolução do aparelho;
- Adotar medidas educativas em relação ao correto uso do celular na escola.

Os professores também ficam impedidos de usar o telefone móvel na sala de aula



Musiquinha incômoda

O toque do celular de Lhaion Alexandre, 13 anos, aluno da Escola Silveira de Souza, não pára de tocar nas aulas. Ele disse que é vítima dos colegas, que ligam para ele, apenas para incomodar, porque a "musiquinha é muito chata".

Já a orientadora educacional Terezinha Ghisi da Silva prefere pensar em truque. – Para tirar a concentração de todo mundo durante a aula, daí toca e vira aquela festa!

O aluno afirma que só utiliza o aparelho para conferir as horas, porém nunca deixa o celular no silencioso.

Insistente

Coordenadora do Colégio Getúlio Vargas, Sílvia Reiner conta que já se incomodou muito com celular quando dava aulas de história para uma turma de terceiro ano.

– Era terrível! Ela relata que uma vez o celular de um aluno tocou três vezes durante a aula.

– Na terceira eu encerrei tudo. E olha que o aluno tinha uns trinta e poucos anos – ressalta a coordenadora.

Ela acredita que educar os mais velhos é ainda mais difícil do que crianças e adolescentes, que cumprem as leis, mais do que os adultos.



Jovens têm que ser moldados

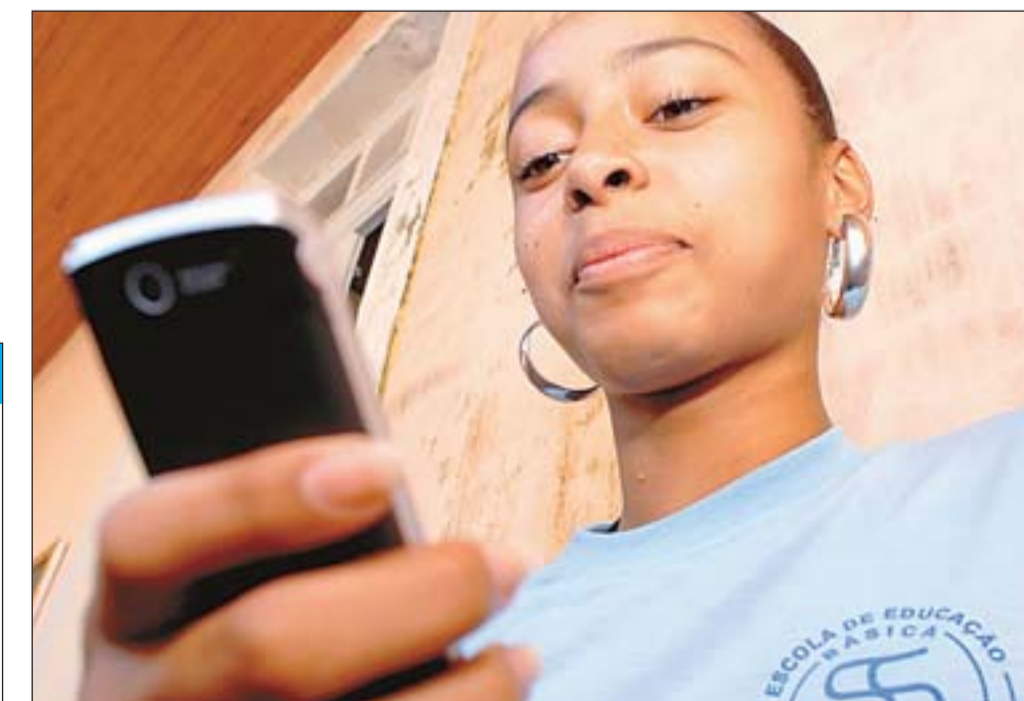
CRISTIANE ELISE BASTOS SILVA *

De imediato, quando chegamos a uma sala de aula, povoada por adolescentes, ficamos receosos de como lidar com eles. Adolescentes são vistos como rebeldes, como respondões, meticolosos em suas perguntas indiscretas, rancorosos em suas respostas quase indecifráveis. Conviver com eles, ensinar-lhes pode parecer uma dificuldade para o professor, pois ele é a figura central, e é visto como uma ponte entre os anseios juvenis e a figura de adulto que há muito se distancia deles. Professores, por décadas, ensinavam para adolescentes que ele era o detentor do saber e, conseqüentemente, foi uma das causas dessa "bifurcação" no relacionamento professor/aluno.

Entretanto, os malefícios dessa passagem vão extinguindo-se ao passo que o professor começa a aproximar-se do aluno, saber de seus problemas, suas alegrias, suas decepções. O professor desce do palco e se junta a sua platéia mais fiel, aos seus pupilos e mistura-se com os sentimentos há tanto tempo reprimidos. Quer ter o apoio deles? Una-se a eles. Quebre o gelo, mostre-se da forma mais simples possível, não se esquecendo de ensinar-lhes sobre respeito, amizade, confiança, direitos e deveres.

Ser professor e amigo. Impossível? Não. Viável. Colhendo dessa forma bons frutos, bons trabalhos de integração, de autoconhecimento, exemplos de vida. Trata-se apenas de moldar um ser que se prepara para o futuro. Moldar uma cabeça, um coração, mostrando a eles vários caminhos, várias possibilidades sem tolher o que gostam e o que sentem. Sente-se com eles, deixe-os falarem de tudo um pouco. Faça-os confiarem. Molde e deixem-se moldarem. Deixe-os rir, ria com eles. Esse é o caminho. Essa é a ponte há tanto temida. Siga em frente!

* Professora de Língua Portuguesa



Mania de você

A estudante da 7ª série do Colégio Estadual Silveira de Souza, Carolina Silva, 14 anos, diz que não vive sem celular e por isso leva o telefone todo dia para a aula.

Ela confessa que esse ano já foi pega mandando mensagem e nunca deixa, o que é proibido por lei estadual, o aparelho no silencioso.

– Teho medo de receber mensagem e não ouvir –, justifica.

Diego Klein, 15 anos, 8ª série



Sabrina Philippsen Mancha, 9 anos, 4ª série



Henrique Kuhn, 10 anos, 4ª série



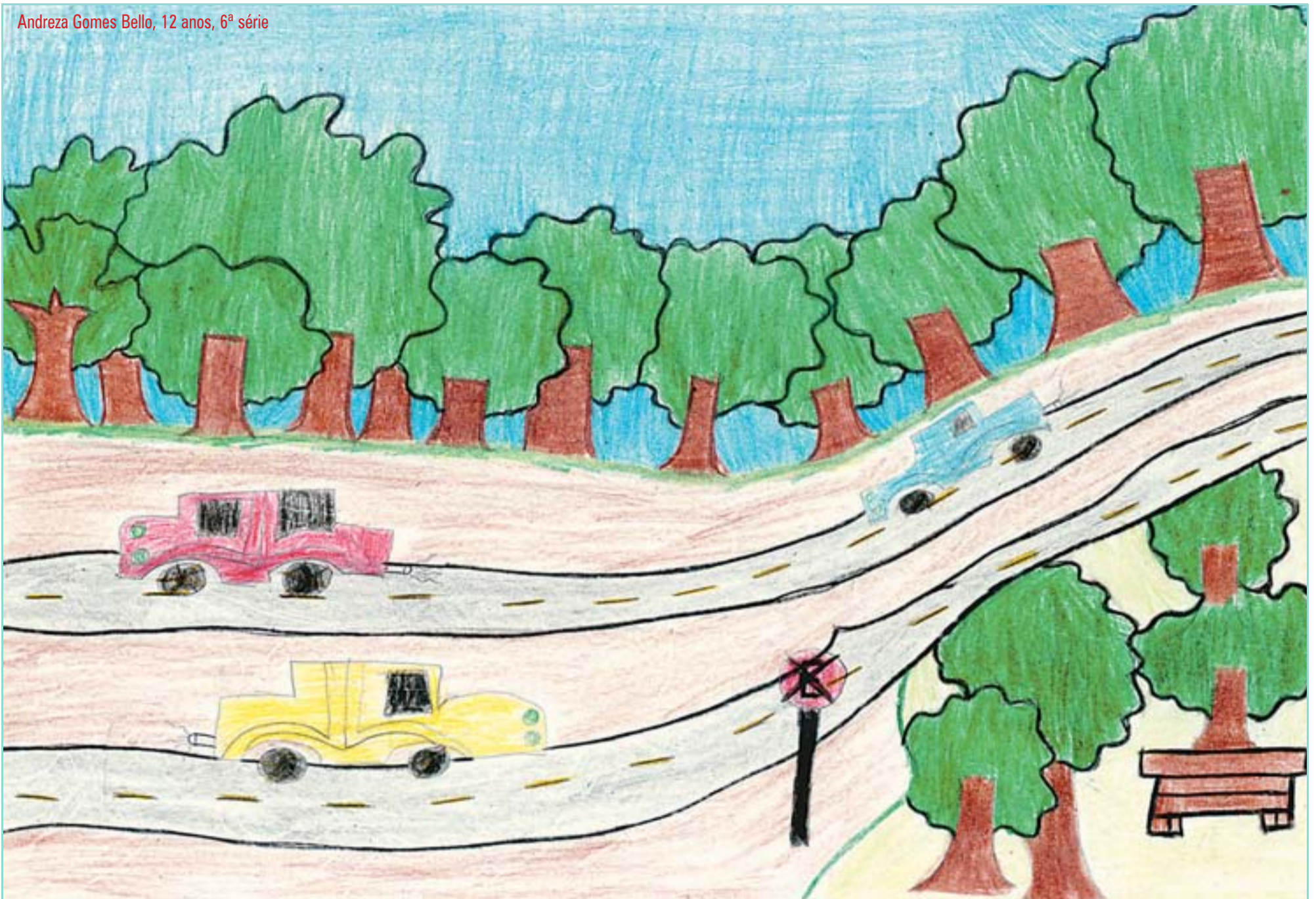
Karine Schneiders, 13 anos, 8ª série



Adriano, 12 anos, 8ª série



Andreza Gomes Bello, 12 anos, 6ª série



Consciência ambiental

Em Joinville, estudantes da Escola Básica Dom Pio de Freitas trabalharam em sala de aula com o projeto “Escola Referência: implantando a Agenda 21 Escolar”. O resultado foram bons trabalhos sobre o ambiente.

O colégio, desde 2006, através da educação ambiental, procura melhorar suas práticas pedagógicas acompanhando as modificações nos ambientes físicos. Para isso, tem atuado na construção de jardins, horta e praça de leitura.

Os objetivos da atividade foram educar para preservar o ambiente, envolver os estudantes na busca de estratégias para enfrentar os problemas sócio-ambientais e sensibilizar com atitudes ecologicamente corretas (reciclar, consumo consciente e cuidado com os recursos naturais).

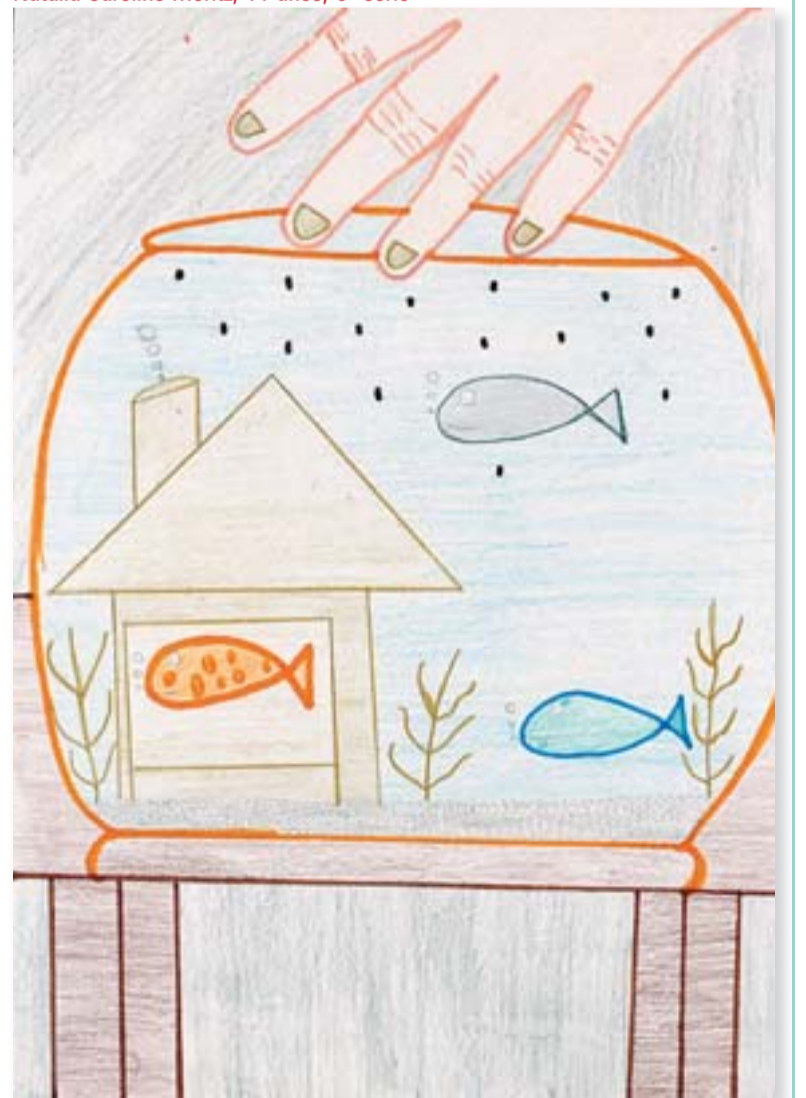
Ana Karoline Andrade Egídio, 8 anos, 2ª série



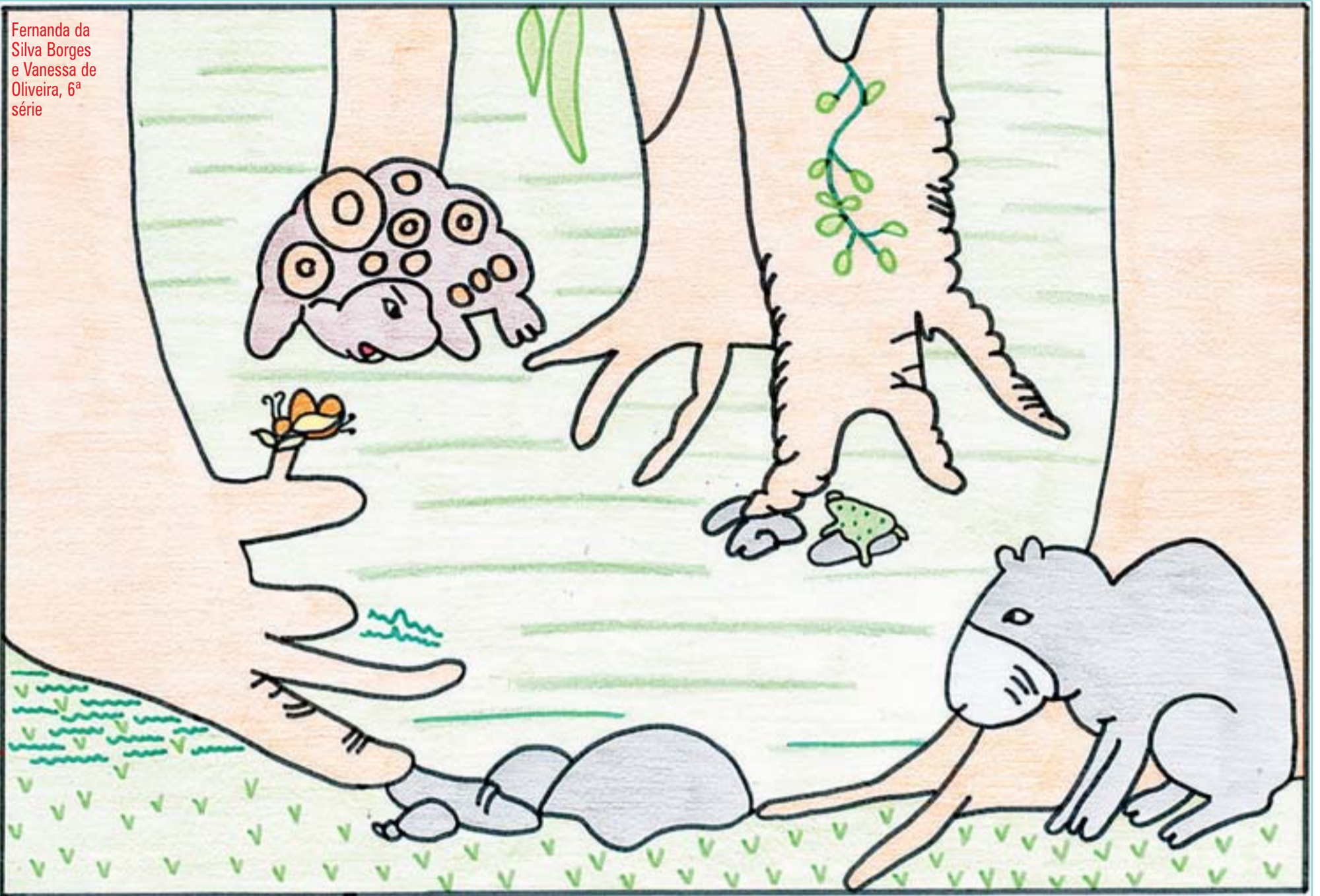
Com a Agenda 21 Escolar, que ensina aos alunos de forma diferenciada o respeito ao ambiente, trabalha o tema de maneira interdisciplinar. Com o projeto, busca-se ampliar nos estudantes a compreensão da realidade vivida e auxiliar no processo de

conscientização para uma mudança de atitude e busca de soluções para os problemas sócio-ambientais que assolam a escola e o seu entorno. As práticas incluíram aulas, oficinas, gincanas, em que os alunos se sentiram transformadores da sociedade.

Natália Caroline Moritz, 11 anos, 6ª série



Fernanda da Silva Borges e Vanessa de Oliveira, 6ª série



Ana Patrícia, 4ª série



Mario Vinicius Zimmer, 8 anos, 2ª série



Evelize de Carvalho Nantes, 4ª série

